

## FERNANDO NAMORA – O PERCURSO DE UMA ESCRITA

Carlos Fontes

*Agrupamento de Escolas de Condeixa-a-Nova*

16-04-2012

### MARCOS DE UMA CARREIRA

Entre o seu primeiro livro individual, um livro de poemas intitulado **Relevos** (1938) e o seu último livro, **Jornal Sem Data** (1988), passaram-se mais de cinquenta anos de vida literária de Fernando Namora, uma longevidade que poucos escritores nacionais atingiram.

### FERNANDO NAMORA – o MÉDICO-ESCRITOR ou o ESCRITOR-MÉDICO

Em **Encontros**, um conjunto de entrevistas escritas concedidas por Fernando Namora a vários entrevistadores, a maioria delas situadas entre as décadas de 60 e 70, e umas poucas na década de 80, à pergunta «*Qual das duas atividades está mais relacionada com o homem que você é?*», apresentada por Artur Portela, em 1978, Fernando Namora revelou-se invulgarmente perplexo, respondendo que talvez tivesse sido a primeira vez que a pergunta lhe tinha sido posta e que talvez também tivesse sido a primeira vez que ele a enfrentava.

Fernando Namora não foi taxativo, o que levou o entrevistador a retomar a pergunta nestes termos: «*Insistindo: como homem, identifica-se mais com alguma das referidas atividades?*» Desta feita Fernando Namora não teve como não ser preciso, dando a seguinte resposta, que passamos a citar.

«— Continua a não me ser fácil uma resposta. De facto, como identificar-me preferencialmente com uma das atividades a que me dediquei, se ambas foram ou têm sido vividas em corpo inteiro? O mais certo é o médico ter influenciado o escritor tão vincadamente como o escritor influenciou o médico. Mas, em termos existenciais, digamos assim, suponho que, dessa influência mútua, perdurou o médico. A medicina, já o disse, marca-nos a fogo. A ferida sara, mas fica a cicatriz. É uma profissão que pede um grande ingrediente de sacrifício, de tolerância, de compreensão, de diluição do caso pessoal no caso alheio. Raramente isso se encontra nos intelectuais, embora existam exceções exemplares. Em suma:

mesmo tendo desertado da medicina há uns bons anos, talvez ainda hoje o molde do médico prevaleça sobre o molde do intelectual. Mas todas as histórias da literatura nos dizem que tais moldes não são incompatíveis.»

(*Encontros* 1998:166)

Relativamente ao binómio apresentado, o escritor precedeu o médico, pois Fernando Namora tinha apenas dezasseis anos quando publicou **Relevos**, ao passo que a sua formação em medicina foi concluída sete anos mais tarde, ou seja, aos vinte e três anos de idade. Mas desde que o escritor e o médico passaram a *habitar* o mesmo homem, houve uma convergência entre os dois, como o próprio afirma numa outra resposta a uma pergunta de um outro entrevistador (Fernanda Granadeiro, 1978). Nessa resposta, acrescentou que a medicina lhe tinha aberto novas perspetivas à obra já iniciada, atendendo às oportunidades de contacto mais íntimo e mais diversificado com os homens. (IBIDEM: 182-83)

E um texto que não só exemplifica esse contacto, como também reforça a convergência atrás referida, é o conto intitulado “A primeira consulta”, pertencente à primeira série de **Retalhos da Vida de Um Médico**, particularmente o seguinte excerto.

«— Assim que se foram chegando os primeiros clientes (amigos que vinham demonstrar a sua solidariedade com uma consulta gratuita, empalamados crónicos que renovam a fé em cada médico que surge com um saber refrescado), procurava reuni-los na sala de espera, nos dias e nas horas em que aguardava a visita do meu companheiro de casa. Entretanto, ia relendo livros de estudo, escrevendo romances nessa desolação de horas mortas. Às vezes, ao ouvir um rumor de passos no ladrilho lá de fora, compunha a bata, escondia as folhas do manuscrito e procurava adoçar o semblante. Era quase sempre um amigo que vinha gozar da minha disponibilidade.»

(*Retalhos da Vida de Um Médico* 2000: 102)

Refira-se que esse primeiro contacto foi uma má estreia para o médico, no que à cobrança dos seus honorários dizia respeito. Além de o relato dos padecimentos feitos pelo primeiro doente, um bem-falante guarda-rios, não ter passado de um disfarce para pedir «uma regra infalível na arte de... não ter

filhos», no fim esquivou-se ao pagamento da consulta, sugerindo ao médico que a incluísse numa «hipotética avença que ele pagaria mais tarde, no fim do ano...» (IBIDEM: 104)

## DOS ESCRITOS DE «ALVORADA» AO ÚLTIMO ROMANCE

Sobre a caracterização das fases da sua obra, dêmos ainda voz ao autor, ao responder à seguinte pergunta: «*A sua obra reflete uma vivência diversificada. Que fases lhe podemos demarcar?*» (António Carvalho, 1978). Fernando Namora respondeu da seguinte forma.

«– A fase de uma juventude em ambiente universitário provinciano, a fase rural, depois a fase citadina, finalmente a confrontação do homem português com o homem de outros horizontes geográficos e culturais. Suponho, porém, que por muito diferenciada que seja a obra de um escritor, em climas humanos, personagens, temáticas, em todos os seus livros se deteta o mesmo modo de estar no mundo e de o interrogar, o mesmo perseguir de metas. Cada livro seria uma etapa, ou uma incidência, do mesmo itinerário.»

*Encontros* 1998:169

Se em 1978 encarou assim o autor o seu próprio percurso literário, nos onze anos subsequentes e até ao seu desaparecimento físico, Fernando Namora haveria de criar ainda cerca de uma dezena de obras literárias, algumas das quais tomaram uma nova feição. Assim é que se pode falar de um ciclo final marcado por um estilo que balança entre a ficção contemporânea e as reflexões íntimas.

Numa outra perspetiva, poder-se-á afirmar que relativamente às duas das quatro fases referidas por Fernando Namora, a primeira é marcada pelo realismo psicológico e a segunda pelo realismo social ou o neorrealismo. Se o primeiro explora os conflitos internos com que as personagens se debatem, o segundo expõe, com o intuito de os denunciar, os dramas sociais que afetam as classes pobres e humildes, como as condições degradantes em que vivem, a exploração, a miséria, a pobreza e a emigração a elas associada. Bem elucidativo e atual é o 24º poema da sua obra intitulada **Terra**.

António, é preciso partir!  
o moleiro não fia,  
a terra é estéril,  
a arca vazia,  
o gado minga e se fina!  
António, é preciso partir!  
A enxada sem uso,  
o arado enferruja,  
o menino quer o pão; a tua casa é fria!  
É preciso emigrar!  
O vento anda como doido – levará o azeite;  
a chuva desaba noite e dia – inundará tudo;  
e o lar vazio,  
o gado definhando sem pasto,  
a morte e o frio por todo o lado,  
só a morte, a fome e o frio por todo o lado, António!  
É preciso embarcar!  
Badalão! Badalão! – o sino  
já entoa a despedida.  
Os juroos crescem;  
o dinheiro e o rico não têm coração.  
E as décimas, António?  
Ninguém perdoa – que mais para vender?  
Foi-se o cordão,  
foram-se os brincos,  
foi-se tudo!  
A fome espia o teu lar.  
Para quê lutar com a secura da terra,  
com a indiferença do céu,  
com tudo, com a morte, com a fome, com a terra,  
com tudo!  
Árida, árida a vida!  
António, é preciso partir!  
António partiu.  
E em casa, ficou tudo medonho, desamparado, vazio.

Fernando Namora, **Terra**, in «Novo Cancioneiro» 1941:112

Todavia, o percurso aqui traçado, necessariamente de forma sucinta, alicerçou-se numa fase a que poderíamos chamar de escrevente ou pré-escritor, a do

adolescente Fernando Namora, aluno do liceu José Falcão, depois de também ter sido aluno do Liceu Camões, em Lisboa, onde aos 13 anos redigiu e ilustrou um jornal. E recuando ainda mais no tempo, diríamos que os caboucos estiveram numa infância em que o menino Fernando gostava de ouvir histórias contadas pela velha Florinda (Cf. **Autobiografia** 1987:18) e vira elogiadas as suas primeiras redações na então Instrução Primária (IBIDEM: 23). No liceu José Falcão foi diretor de *Alvorada*, que ostentava o subtítulo de “Jornal Cultural dos Estudantes do Liceu José Falcão de Coimbra”, durante dois dos seus três anos de existência. Nesse periódico, além dos editoriais que assinou, expôs a suas primícias literárias, quer em prosa quer em versos.

Por fim, é justamente em *Alvorada*, no seu Ano 3, em 9 de dezembro de 1937, já como ex-diretor, que divulga um dos poemas de **Relevos**, cuja publicação foi também aí anunciada, nos seguintes termos: «Ainda edição de “Portugália”, sairá também brevemente um livro de poemas, “*Relevos*”, de Fernando Namora.»

No ano seguinte, isto é, em 1938, Fernando Namora publica o romance **As Sete Partidas do Mundo**, embora tivesse escrito outros antes. Tendo assim sido, e apesar de não sermos crentes em prenúncios, não deixamos de pensar num certo sortilégio que este título encerra, em face do que veio a acontecer com muitos romances e não só, do escritor condeixense, de Portugal e do Mundo. Referimo-nos ao facto de Fernando Namora ter visto muitas das suas obras viajarem pelas sete partidas do mundo, através de traduções em dezenas de países e línguas. São os casos, por exemplo, de **Casa da Malta**, **Retalhos da vida de um Médico**, **O Trigo e o Joio**, **O Homem Disfarçado**, **Os Clandestinos**, **O Rio Triste** e **Tinha Chovido na Véspera**.

Finalmente, soube o mundo das letras reconhecê-lo através da atribuição de alguns prémios e o mundo dos homens, do presente e do futuro, honrá-lo com a atribuição do seu nome, por exemplo, a ruas ou a aposição de um busto, como a História registou hoje na nossa escola que tem justa e merecidamente, em Fernando Namora, o seu Patrono.